



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

HISTÓRIA CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: USOS DE JORNAIS EM SALA DE AULA

Manuelle Araújo da Silva*

João Ernani Furtado Filho (Orientador)**

1

Os jornais estão longe de pertencer a um grupo homogêneo. Existem sempre pontos díspares relativos a aspectos, implícitos ou não, entre os mais variados periódicos. Assim, ao trabalhar com jornais, é preciso que se desfaça de qualquer ingenuidade ao lidar com os seus frequentes discursos de objetividade e imparcialidade no ato de “dar” a informação. Essa estratégia discursiva visa se aproximar da ideia de transmissão da totalidade e se afastar da fragmentação e do processo seletivo, que há em relação ao que se noticia e como se noticia.

Tendo em vista essas premissas, este trabalho busca refletir acerca das possibilidades de abordagem de jornais como fontes historiográficas em sala de aula, tendo como objeto de pesquisa o ensino de História e o uso da pesquisa nele. Em relação aos aspectos metodológicos, foi importante investigar, em um primeiro momento, como é feita essa recomendação de utilizações de jornais pelos “documentos oficiais” da Educação, em suas orientações relativas ao ensino de História, como os

* Graduada do curso de História pela Universidade Federal do Ceará.

** Professor efetivo, Adjunto III, do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental II, e o *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD), que se baseiam nos princípios definidos pela *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Já em um segundo momento, o objetivo foi investigar se essa inserção de jornais nessa perspectiva é uma discussão presente em atuais livros didáticos e, no caso de tê-lo, centrar-se no modo de abordagem empregado e na maneira de utilização, objetivando interpretá-los em seus focos e opacidades. Para isso, foram selecionadas duas coleções adotadas em escolas públicas e particulares de Fortaleza, do 6º ao 9º ano. São elas: "*História, Sociedade e Cidadania*", que tem como autor Alfredo Boulos Júnior¹ e "*História em Documento - Imagem e Texto*", de Joelza Ester Domingues Rodrigues². Além disso, é visado discutir problemáticas centrais ao tema, direcionando os debates, por fim, para estudos de caso. Em suma, trata-se de mapear as possibilidades de abordagem de jornais em sala de aula.

Como dito inicialmente, não se pode analisar os jornais na lógica da naturalização, visto que eles não cobrem a realidade e que realizam um processo seletivo. Vejamos os *slogans* dos seguintes jornais: *Folha de São Paulo* – "*Um Jornal a Serviço do Brasil*", *Correio Brasiliense* – "*Você à frente de tudo*" ou mesmo na chamada de acesso ao portal de notícias *on line* do jornal *O Globo* – "*A fonte de informação mais completa do Brasil*". Observa-se, a partir da forma como o jornal se anuncia, uma estratégia discursiva mais próxima da ideia de totalidade, da mitologia do "dar" a notícia, em que os interesses mercadológicos estão camuflados.

Observemos também, uma breve explanação geral sobre os seguintes jornais: *O Globo* e *Brasil de Fato*. O primeiro tem 87 anos desde a sua fundação, integra as Organizações Globo, é de orientação conservadora e tem periodicidade diária. O segundo foi criado em 2003 por movimentos populares, como o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a Via Campesina, sua orientação é de esquerda, no sentido de que noticia os fatos sob o ponto de vista da necessidade de transformações sociais no país, e tem periodicidade semanal.

1 Mestre em História Social pela USP, Doutor em Educação pela PUC-SP. Lecionou no ensino fundamental da rede pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares.

2 Bacharel em História pela FFLCH-USP, Licenciada em História pela Faculdade de Educação – USP, Mestre em História Social pela PUC-SP.

Seguindo esse raciocínio, o *Brasil de Fato* não se detém a informar o público acerca de notícias das ditas celebridades, por exemplo. Já o jornal *O Globo* dedica várias seções a isso. Veja-se um caso prático: não houve nenhuma menção, no *Brasil de Fato*, relativa ao casamento entre o príncipe William e Kate Middleton. Enquanto que na edição do jornal *O Globo* do dia 29 de abril de 2011, a maior foto, dentro da diagramação da primeira página do jornal, é a de Kate Middleton. Devendo-se ressaltar a importância de analisar as relações entre texto e imagem, que podem se completar ou se contrapor nos jornais.

Brasil de Fato e *O Globo*: ambos são jornais. Mas eles são, como se pode perceber comparativamente, fontes para uma série de nítidos contrastes. Assim, todos esses fatores em que eles divergem, irão ser agentes diretamente modificadores do que eles vão selecionar para noticiar e na forma com que vão se posicionar perante a um acontecimento noticiado. Ou seja, suas tendências interferem diretamente no que eles noticiam e em como noticiam. Dessa maneira, é importante ressaltar que, dentro de uma lógica seletiva, as notícias integrantes de diferentes jornais não são as mesmas, mesmo sendo provenientes de uma mesma realidade.

Até mesmo quando as notícias retratam um mesmo assunto ou acontecimento, por mais sutis que pareçam as diferenciações, elas não serão iguais. No propósito de uma exemplificação mais contrastante, continuemos na análise comparativa de uma notícia do site *O Globo*, em sua subdivisão *Bom Dia Brasil*³ e a do site do *Brasil de Fato*. Trata-se de um mesmo acontecimento, noticiado no mesmo dia, 16/04/2011.

A notícia d'*O Globo* tem o seguinte título: “*Ministério do Desenvolvimento Agrário é invadido por sem-terras*” e subtítulo: “*Invasão faz parte do Abril Vermelho*”. Já na notícia veiculada ao *Brasil de Fato*⁴, a conotação é outra. Seu título é: “*MST ocupa Ministério do Desenvolvimento Agrário em Brasília.*” e seu subtítulo é: “*A ação integra a Jornada Nacional de Lutas por Reforma Agrária que o MST promove todos os anos em abril, mês em que, em 1996, aconteceu o massacre de Carajás.*”. A notícia do primeiro enfoca informações acerca da proporção do movimento e apenas na última frase dos três pequenos parágrafos destinados à notícia, há a menção ao *Eldorado dos*

3 Disponível em: <<http://glo.bo/IR837J>> Acesso em: 29/07/2012.

4 Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/9337>> Acesso em: 29/07/12.

Carajás, em que 19 trabalhadores Sem-Terra foram assassinados no Pará. Já o jornal Brasil de Fato, cede seu espaço para justificativas retiradas da página do MST, ressaltando os aspectos positivos, as causas do movimento, reforça a questão da impunidade e faz uma pequena biografia para cada sem-terra morto. Desse modo, não se trata de identificar qual o jornal que possui uma postura correta ou não, mas sim de entender as complexidades que envolvem suas engrenagens.

É uma constante nos grandes jornais a utilização do termo “invasão” para as ações dos sem-terra e sem-teto. Já o jornal Brasil de Fato, por suas particularidades de interesses e edição, tem outro posicionamento frente a isso e utiliza outros termos para esses mesmos movimentos, como “ocupação”, “reivindicação” e “denúncia”.

Aqui, se destaca mais uma potencialidade apreendida do uso de jornais em sala de aula. Os aspectos de forma e conteúdo não devem ser analisados de maneira separada, pois, pode-se perceber que a forma como se aborda um determinado assunto interfere diretamente no conteúdo desse assunto. Essa é a parte em que a crítica das fontes se funde com a crítica das palavras, isto é, o exame de como os termos são selecionados e proferidos. As diferenças na forma, por mais sutis que sejam, sempre irão interferir em como o conteúdo das notícias é absorvido.

Visto o papel central que esse tipo de observação linguística exerce em sala de aula, cada vez mais o caminho a ser seguido se aproxima da interdisciplinaridade. Essas articulações entre as disciplinas, atualmente, são uma constante exigência que permeia os “documentos oficiais” da Educação. Então, a proposta aqui seria de um trabalho em conjunto entre o professor de História e, em termos atuais, os profissionais da área de *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*.

A questão da historicidade do jornal, mais ligada à História da Imprensa, também é interessante de ser discutida na medida em que, se brevemente apresentada aos estudantes, amplia visões de mundo. Entende-se que se forem realizadas comparações entre propósitos, formatos e linguagens entre algum jornal antigo e o jornal cotidiano, ou mesmo se o estudo comparativo acontecer entre algumas de suas partes, a potencialidade do uso de jornais se multiplica. Por exemplo: atualmente, é extremamente comum e de interesse de muitos, a exploração sensacionalista das páginas policiais. Mas, nem sempre foi assim. No que concerne à historicidade do formato do

jornal, é interessante citar uma observação advinda da experiência de pesquisa do historiador e crítico literário Brito Broca:

Não havia, então, jornal que não publicasse um romance em rodapé. Era leitura imprescindível para o público. Nessa época, em que ainda não se explorava o sensacionalismo da reportagem policial, o romance-folhetim oferecia ao leitor a emoção quotidiana que ele hoje procura nos crimes e assassinatos. (BROCA, Brito. *A Gazeta* 11/04/1953)

Desse modo, além da possível observação acerca das mudanças do formato do jornal no tempo, as percepções quanto à historicidade dos seus objetivos, sensibilidades e funções, também podem ser depreendidas a partir da conclusão supracitada do autor.

É recorrente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a ideia da liberdade de aprender, juntamente com a de autonomia intelectual e do pensamento crítico. Mas, pode-se perguntar: em que medida os jornais podem suscitar essas habilidades?

Entende-se também o jornal como um meio para o estudo das representações sociais, na medida em que ele pode ser classificado como uma fonte primária de informações, não caracterizando um material especificamente de circulação em âmbito escolar. Assim, suas possibilidades de abordagens precisam estar constantemente em alerta à percepção dos princípios de estereotipia que aparecem neles, pois, caso esse alerta não aconteça, o estudo fará com que os discentes reproduzam esses conceitos, produzindo um efeito oposto à perspectiva dessa pesquisa. Estereótipos esses que são facilmente encontrados em narrativas jornalísticas, sejam eles étnicos, de gênero, sócio-econômicos, regionais, dentre outros.

Deve-se salientar que isso já é uma forma de aguçar a percepção e o posicionamento dos educandos frente às infinidades de estereótipos que os rodeiam, não só os que podem ser identificados nos jornais. Trata-se de estimular a ampliação da faculdade crítica dos estudantes. Dessa forma, há o estímulo ao multiculturalismo, que parte do desejo do reconhecimento da individualidade de cada pessoa e da necessidade de aprender a conviver com elas e não somente aceitá-las. Desse modo, as noções de aceitação, tolerância e respeito, como alerta Tomaz Tadeu, a partir das teorias do currículo, transmitem implicitamente ideias de generosidade, caridade e

compadecimento em relação às minorias, e isso já significa um posicionamento de superioridade. (SILVA, 2004.)

Por mais que se tenha focado o uso de jornais em sala de aula neste trabalho, se considera importante ressaltar a relação dos jornais para além dela. Eles não estão restritos somente ao espaço físico da escola. Nessa perspectiva, Maria Alice Faria⁵ considerou a relevância disso através da sugestão de uma visita a um jornal. Aqui, quanto a esse nível de experiência extra-escolar do estudante, que não deve ser desconsiderada, pondera-se, a dimensão de uma banca de jornal. Ela é estratégica para ser refletida não somente por ser uma relação social fora da escola e que envolve jornais, mas também pelo fato de que os jovens estarão lidando com um espaço de várias possibilidades, isto é, de inúmeros apelos. Aí se torna nítida a importância de o estudante exercer, na prática, a construção de um posicionamento seu perante a situação.

Nesta seção do trabalho, que visa discutir alguns pontos relativos aos exercícios de livros didáticos que se apropriam, no sentido de uso, de jornais, são necessárias explicitações atinentes ao seu emprego como fontes para essa pesquisa. O principal aqui é considerar duas observações. Primeiro, é a de que as coleções de livros didáticos analisadas nesse trabalho estão em circulação atual no ensino de História. E a segunda, assim como observa Circe Bittencourt⁶, é a de que esse específico material, desde o século XIX, continua sendo considerado por escolas, pais e alunos o principal material didático para a realização do estudo, sendo ele desempenhado nas aulas ou no estudo pessoal do estudante fora do tempo e do espaço da aula. Denotando, assim, a permanência de seu papel referencial no ensino. (BITTENCOURT, 2002.)

As discussões acerca da inserção de fontes históricas (consideradas agora de uma maneira geral) no ensino de História e suas conseqüentes preocupações metodológicas são amplamente presentes nas propostas curriculares atuais. É interessante notar a presença dessa orientação pós-sugestão, demonstrando a consciência do papel central que a forma de utilização detém no referido processo em

5 Em seu livro Como Usar o Jornal na Sala de Aula, p. 85-103.

6 Na obra O Saber Histórico na Sala de Aula.

pauta, sendo interessante ressaltar a concepção de fonte nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*: uma produção do passado, não apenas um resto.

Focando, agora, uma das questões iniciais; cabe investigar se, nas coleções abordadas, a utilização dos jornais é ou não presente. Ao longo da análise, percebe-se que essa é uma preocupação constante nos livros didáticos vistos. Entretanto, nota-se claramente uma maior utilização na coleção *História em Documento*. Por isso, é possível perceber que as análises mais minuciosas desses exercícios são advindas dela.

Uma preocupação que há, tanto nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, quanto nos Manuais do Professor das duas coleções de livros didáticos abordadas, é o fato de que é fundamental respeitar o desenvolvimento cognitivo do aluno, atentando para a distribuição adequada das atividades para cada série. Assim, nota-se que, nas coleções abordadas, há uma série estratégica para uma abordagem mais aprofundada dos jornais: o atual 9º ano, última série do Ensino Fundamental II. Há uma utilização mais propícia a ser quantitativa e qualitativa concomitantemente, tendo em vista a preparação do aluno para as mudanças provenientes do ingresso no Ensino Médio e seu correlato aumento de exigências.

Ao longo do mapeamento do material visto, algumas questões foram sendo norteadoras para o processo da análise, como: de que forma esse trabalho com jornais é feito? É inserida de forma integrada ao conteúdo do capítulo? E, ainda assim, de que forma aparece? É apenas com a função de ilustrar o texto dito ou se exploram conceitos de contraposição de fontes, propiciando reflexões? Ou ainda, a partir da utilização da fonte, foram desenvolvidos exercícios? E qual o caráter desses exercícios, visto que essa parte pode ser um importante indicativo da concepção de documento, e até mesmo de História, da coleção? Desse modo, busca-se considerar a relação entre quantidade e qualidade das inserções de jornais nos livros didáticos abordados.

Assim, segue-se a lógica de um estudo comparativo. Em relação aos assuntos e períodos abordados através dos jornais, nas coleções vistas, estes são muito variados. Vão desde anúncios de jornais do século XIX para retratar a escravidão (muito provavelmente por essa ser a mais detalhada recomendação metodológica dos PCN's para o uso de jornais em sala de aula) à contemporaneidade.

De um modo geral, a coleção *História, Sociedade e Cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior, tanto pela parte quantitativa, como pela qualitativa, aborda bem menos a questão dos jornais em articulação com as discutidas especificidades metodológicas atinentes a tal utilização. Em sua grande maioria de exercícios, é colocado o texto de notícias de jornais, artigos, com sua devida referência, sendo, posteriormente, propostos exercícios relativos ao conteúdo do texto, ou seja, a interpretação de texto. E, se por um lado, o autor faz interessantes orientações metodológicas no Manual do Professor da coleção, como por exemplo, a de não trabalhar o documento como prova do real, não os encerrando em si mesmos, a aplicação prática desse postulado, em relação às fontes periódicas, é escassa.

Nos exercícios que possuem a intenção de tratar o texto do jornal apenas como interpretações de texto, aparentemente seguem uma preocupação muito atual, que é a de estimular o aluno a lidar com o excesso de informação. Isso também é uma contribuição válida, principalmente se for considerada uma necessidade que a autora Maria Alice Faria, através do que ela intitula *Uma Pedagogia da Informação*, alerta. Atualmente, é nítido o bombardeio de informações midiáticas que nos rodeia. Porém, é em cima desse tipo de alfabetização, ou seja, da necessidade de incitar que o aluno se posicione diante dessa carga informativa excessiva e, dessa forma, aprendam a se situar nessa realidade que exige esse tipo de posicionamento.

Na coleção *História em Documento – Imagem e Texto* há também amplamente a utilização de jornais contemporâneos para incitar a interpretação de texto, seguindo a mesma preocupação discutida acima. Ademais, há alguns exercícios e questões que integram essa coleção e que se mostraram interessantes para uma abordagem mais minuciosa no presente trabalho. Aqui, torna-se mais nítida a existência de uma série estratégica, que os idealizadores selecionam para abordar o jornal de modo mais detalhado e aprofundado, em sua especificidade e potencialidade: o 9º ano.

Na busca de explorar o jornal também em sua forma, pode-se ressaltar uma seção, um exercício, intitulado “Analisando a Primeira Página do Jornal”, em que são explicitadas a localização padrão e funcionalidade de algumas partes da primeira página de jornal, como título, legenda e subtítulo. Nesse caso, dá-se a entender, até mesmo a partir da nomenclatura do exercício proposto, a noção de uma maneira de análise

diferenciada para cada divisão do jornal. O texto introdutório desse exercício é também interessante:

Os jornais são documentos históricos importantes que trazem informações sobre os acontecimentos e sua repercussão na sociedade. Mas o historiador não se limita a simplesmente ler as notícias publicadas. Ele observa a maneira como os fatos foram noticiados, quais receberam destaque, que fotografias foram selecionadas, o que suas legendas informam e até mesmo o que foi omitido pela imprensa. Vamos analisar dois jornais. Observe os destaques e depois responda às questões. (RODRIGUES, 2009, p. 150).

Considera-se esse exercício interessante na medida em que ele propicia noções e orientações sobre o que observar, como a forma com que os fatos são noticiados e as fotografias selecionadas, ambos observando quanto a seus focos e opacidades e, também, a noção da leitura nas entrelinhas, quando explicita que o historiador também se detém ao que foi omitido pela imprensa.

Ainda na coleção de livros didáticos da autora Joelza Ester Rodrigues, pode-se constatar outro diferencial em relação ao tratamento das fontes históricas: os títulos dos exercícios propostos. Eles buscam explicitar e reforçar a ideia de especificidade de abordagem para cada fonte, trabalhando várias delas, como a pintura, a fotografia, os mapas e as sátiras políticas. Há sessões de exercícios, como: “Análise de um filme como documento histórico”. No que se refere às abordagens das fontes periódicas, o diferencial também rende contribuições. “Redigir um texto a partir da leitura de um jornal”, “Aplicando conceitos em notícias de jornal”, “Notícias do passado no presente”, “Analisando a primeira página de um jornal” e “Leitura e interpretação de notícias jornalísticas”, são outros desses exercícios em específico⁷.

A historicidade da imprensa, questão na qual se espera que aconteça com maior nitidez a construção de contrastes com o formato e os discursos presentes nos jornais, ou seja, com o jornal em sua relação entre forma e conteúdo atual e, a partir disso, construir analogias com jornais de outros períodos, as contribuições só tendem a aumentar, pois a noção de historicidade estará sendo abordada de maneira mais clara com os alunos. Essa questão é pincelada na coleção *História em Documento*. O título de

7 Apenas o primeiro é do 8º ano: p. 160 e 161. Os demais são do 9º ano e podem ser referenciados em, respectivamente: p. 20 e 21, 38, 150 e 278.

um exercício do 9º ano, ao dizer “O fim da neutralidade”, pode nos dar indícios quanto a isso.

Pode-se perceber ao longo desse artigo que são imensas as possibilidades ligadas à questão do uso de jornais em sala de aula, e que nem sempre elas estão contidas nos livros didáticos. Assim, mesmo que os jornais sejam discutidos nesse material, é interessante que seja realizado um trabalho mais específico e adequado à realidade da escola. Com o intuito de sintetizar as questões aqui discutidas, cabe pontuar debates quanto a dois estudos de caso.

O primeiro é em relação aos estudos de caso da escravocracia. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de História, há uma recomendação temática e metodológica específica sobre o uso de jornais em sala de aula, que consiste em problematizar anúncios escravocratas: seções em que todos os seus aspectos são significativos. Essa proposta já foi pesquisada pela historiografia, inicialmente por Gilberto Freyre e, posteriormente, por Lilia Schwarcz e se mostra bastante proveitosa.

Nesse caso, seria interessante que o professor abordasse alguns desses comuns anúncios escravocratas do século XIX e, para que propusesse em sala de aula um contraste tanto no que concerne à forma, como ao conteúdo dessas seções, também utilize classificados atuais na atividade. Desse modo, facilitaria a percepção da historicidade do jornal, questão que discutimos com o autor Brito Broca.

No âmbito dos anúncios, quando o docente explicita os objetivos de quem anuncia e por quê anuncia, ele situa o papel central do monetário nestas ações, de considerar o ser humano vendável. Torna-se possibilidade ao professor de problematizar isso, mas situando toda uma visão de mundo escravocrata, na medida em que há a transmissão de cotidiano de uma sociedade, através dos jornais. Assim, é fulcral contextualizar, através do tema escravidão, esses anúncios, para não caracterizar uma abordagem fragmentada.

O segundo estudo de caso seria a partir de uma seção comum em jornais contemporâneos, que, variando de nomenclatura, mantém o propósito: dedicar nos jornais um espaço para a opinião do leitor. Para esta sugestão, em específico, seria interessante que o professor indicasse situações, dentro de seções desse tipo, as falas possuidoras de tom mais reivindicativo, proveniente de críticas sociais, como por

exemplo, a seção do *Jornal do Brasil*, intitulada *Queixas do Povo*, estudada por Eduardo Silva.

O objetivo consistiria em estimular os alunos a terem uma percepção mais crítica dos seus espaços intercomunitários e que, a partir disso, façam produções textuais que sintetizem essas reivindicações. Aqui, novamente, surge espaço para a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, atentando para as articulações com a área de linguagem, códigos e suas tecnologias. Trata-se de um exercício possível de ser realizado desde o 6º ano até o Ensino Médio. É também interessante que a escola, como equipamento cultural de seu entorno, desenvolva uma redação de jornal, para que o objetivo desta atividade obtenha periodicidade e reforce o vínculo que deve haver com sua área intercomunitária, preocupação tão presente nos “documentos oficiais” da Educação.

Este artigo, como dito inicialmente, é fruto de um estudo introdutório e produz reflexões iniciais, ainda que almeje continuidade, novas possibilidades, novas problemáticas e perspectivas. Assim, conclui-se que a enorme potencialidade aqui percebida, através da utilização dos jornais como fonte histórica sendo trabalhada no ensino de História, exige novos estudos. Como se pode perceber, a noção de potencialidade, aqui, é palavra-chave, pois, as *potenciais* contribuições advindas dessa atribuição de novas significações a essas sensibilidades, que são os jornais, estabelecem uma proporção direta com o modo de apropriação, de uso, pelo professor. É exatamente esse o fator que demanda cada vez mais reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: nº 9394/96. Brasília : 1996.

BROCA, Brito. *Quando se começou a traduzir no Brasil*. A Gazeta 11/04/1953.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. 11. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Coleções de Livros Didáticos Analisadas

Boulos Júnior, Alfredo. História – Sociedade & Cidadania, 6º, 7º, 8º e 9º ano / Alfredo Boulos Júnior. – São Paulo: FTD, 2009.

Rodrigues, Joelza Ester Domingues. **História em documento: imagem e texto, 6º, 7º, 8º e 9º ano/Joelza Ester Domingues. – Ed. renovada. – São Paulo: FTD, 2009.**